

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº70 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2002  
VOLUME V  
ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História

**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia

**ARTUR MORETTI** - Física

**CELSO FERRAREZI** - Letras

**FABÍOLA LINS CALDAS** - História

**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia

**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação

**MARIO COZZUOL** - Biologia

**MIGUEL NENEVÉ** - Letras

**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**70**



**COMO: LITERATURA: COMO: LITERATURA**

**ALBERTO LINS CALDAS**



## Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - Centro de Hermenêutica do Presente – UFRO

caldas@unir.br - www.unir.br/~caldas/Alberto

## COMO: LITERATURA: COMO: LITERATURA

*incipit* - O real, para nós, é desdobramento vivo, pulsante, significativo. Por não vivermos entre os limites de um simples imediato (onde o viver é fígamento), mas no presente e seus des-limites imaginários, criamos a nós mesmos e ao mundo mais profundamente do que supõe nossas passageiras Ciências e Filosofias. Natureza, história, Sociedade, Cultura, Corpo: fala e escrita: virtualidades holográficas: nosso meio, nosso existir: vivemos mergulhados nisso: somos, criamos e mantemos o real enquanto real: multidimensionalmente, em movimento, tenso, dispersivo, tribal, transformando a cada segundo o caos em cosmo, o nada em sujeito, a desordem em objeto, o imediato em tempo, o aqui em espaço, a dispersão em sociabilidade. Uni-verso, para nós, é inescapavelmente cosmo: algo através de nós: universo simbólico, mítico, sígnico e cínico, holograma que se estende além do traço do imediato: o dentro e o fora, o antes e o depois: dimensões de nós mesmos. A literatura é a partir deste ponto, sempre, mesmo sem saber: ao dizer-se diz a própria essência das coisas, principalmente porque todo real, toda práxis, é tão somente poiésis multialienada alienada.

- 1 - Consciência do valor autônomo da literatura: basta por si mesma: o resto é que não basta;
- 2 - A literatura não é simples jogo ou auxiliar da filosofia, da moral, da política, das mídias;
- 3 - A literatura não é um brinquedo de contar histórias mas o buscar e o encontrar o fundamento como o existir se faz;
- 4 - A literatura não está subordinada a nenhum conhecimento e não é nem pode ser desvendada senão por si mesma;
- 5 - A literatura tem como "objeto" absolutamente nada: seu "objeto" é criar vazios, vácuos que atraíam qualquer realidade numa resignificação profunda;
- 6 - A literatura não é um meio, não é um fim e não pode ser um princípio: a literatura não tem finalidades: o fim está sempre fora, antes, depois, aqui e não ali, posta lá a funcionar, em nós e não ali: a literatura, em meio aos seres do mercado (e sua apresentação não pode mais escapar ao mercado), não é, não pode ser: seu ser é não-ser, garantindo essência ao des-essencial do mundo: é um ponto de fuga, uma linha d'água;
- 7 - Mesmo inserida no mercado, a sutil função da literatura é desdizê-lo, é desvendá-lo, é tornar visível o invisível do seu papel demiúrgico, monstruoso e alienante, a sua posição totalitária e exclusiva, como se o existente só existisse mercadologicamente;
- 8 - Por isso não cair na ilusão fundante da máquina insólita da literatura: é uma maneira da própria literatura fazer-se entender, mas esse entendimento não é teórico, mas essencialmente literário: não é mímesis mas um contramundo que diz o mundo;
- 9 - O teórico, o analítico, é o olho e a mão da lógica do mercado posta sobre a literatura para fazê-la não falar, dizendo que somente assim ela se diz;

- 10 - Sem relações verdadeiras entre filosofia, moral, política e literatura, encontramos na vivência que se enriquece e vive mais uma das relações fundamentais da literatura: o vazio essencial justifica-se a si mesmo: a relação da literatura com o mundo não é a que se tem com os conhecimentos e com os objetos, mas o mesmo que se tem com o mitológico ou com o sagrado liberto do estritamente religioso: com o metafórico, o irônico, a paródia, o jogo, o ritual: sua condição de dizer sempre algo a partir do novo, do outro, não porque seja alguma coisa, mas precisamente porque não é nada-de-certa-maneira: refere sempre o que ainda não é e está sendo a medida do meu ser, da minha busca, do meu encontro, das minhas obsessões, das minhas fomes;
- 11 - A literatura não ensina nem desensina, não moraliza nem imoraliza, não politiza ou despolitiza, não defende causas nem descreve vidas: na literatura não há idéias: não "faz parte da história", não "faz parte da geografia", não "faz parte da língua", não "faz parte da escrita": não faz parte: só assim diz o ser na medida do seu vir a ser: devires do devir;
- 12 - A literatura não é uma coisa útil, prática, psicológica, objetiva ou subjetiva, científica, filosófica, moral ou imoral, crítica ou acrítica: nada mais hostil que estes conceitos aplicados à literatura;
- 13 - A literatura é um mistério do tempo e da singularidade: só há literatura porque não há o imediato: dimensão animal: literatura é, antes de tudo, uma viva experiência do passado, voltada inteiramente para o futuro: neste apontar para o que virá, essencializa-se o imediato como um deslimite: fundada sobre imaginários, inexistentes, a literatura diz o ser na medida do seu se fazer: e a singularidade em seu tender, mergulho no labirinto do viver sem saber o que será, encontra nisso uma presença ao seu lado;
- 14 - Não há uma "linguagem literária", um "discurso literário", um "assunto literário", uma "matéria literária": tudo isso surge das teorias que se vergam sobre a literatura: holograma singular intransferível que escurece o iluminado, asperiza o liso, desdiz os dizeres, desvê os vistos, desfala os falares, descrê das crenças, e ri dos poderes: literatura é o que ri: aquilo que gargalha;
- 15 - A literatura é da ordem da virtualidade, não da ordem das coisas: é da ordem do negativo, não da língua: da ordem da desordem, não do progresso: do sonho que desossa: do silêncio que é a poiésis fundante: o sempre antes e depois em ritual de criação na medida do fazer o mundo;
- 16 - Para que a literatura se realize é necessário não somente que o escritor sacrifique sua vida, seu sono, seu sangue, sua descendência, seu prazer e sua normalidade, mas que imole uma humanidade inteira: sem essa lenha, sem esse fogo, não há literatura: para estar dentro é preciso estar além;
- 17 - A literatura não é do âmbito da Lingüística, que é instância do visível, da mercadoria, do articulável, do manipulável, do social, do político, do discursivo, do escritural, do falável e do que circula; do teórico ou do prático; âmbito da cidade, da casa e do trabalho: a literatura é do âmbito da interioridade, da singularidade e do ser na medida do seu fundamento, do seu se manter e do seu se fazer.
- 18 - A literatura não se esgota nem se apresenta na compra, na venda, no consumo ou na circulação. A ilusão do mercado atinge somente a matéria visível daquilo que certa tradição diz ser literatura: a isca do teórico e do leitor ingênuo.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

**SUGESTÃO DE LEITURA**

*já morava no inferno*

*minha vontade*

*de voar*

**CARLOS MOREIRA**